

# Autonomia simbólica

Encarnação Baptista (1924-2011) nasceu e viveu em Santa Cruz, Madeira. Fixo a fotografia em que está ao lado do marido, talvez tirada em meados da década de 40, por altura do casamento, realizado em 1946. A expressão do casal cativa qualquer apreciador do retrato a preto e branco. Continuo folheando o álbum *Memórias Transfiguradas*, editado pelo filho José Baptista Fernandes (Santa Cruz, 2011, ISBN 978-989-686-083-7). Retenho outros dados que a artista em seu tempo deu de si própria. Enviuvou aos 46 anos de idade. Começou a pintar muito mais tarde, atividade que parece ter-se tornado algo próximo duma devoção. Sonhava, acordava para recomeçar a pintar.

Deixou obra profusa. Passo as páginas com a reprodução de quadros seus, entre o dinamismo do efeito cromático produzido e o pontilhado que organiza coisas e personagens, vou entrevendo cruces, anjos, cristos, arraiais, romarias, tabaibeiras (*Opuntia Ficus Indica*), árvores, diabos, figuras femininas, adivinham-se ainda cenas natalícias, da Festa.

A artista recorre à liturgia cristã como linguagem para se exprimir. É o que lhe está próximo e lhe permite configurar uma visão do mundo própria. Podia suspeitar-se de religiosidade, mas pressinto antes a elaboração de uma gramática expressiva, do que vontade de manifestar devoção religiosa. A sua obra prende, mas não vejo nela uma passagem para uma arte popular. Pese o contraste com a criação dita erudita. Não vejo bonecas de massa, nem lapinhas, ou sequer remissões à gestualidade da *performance* folclórica.

Só um exercício de inversão permite atribuir sentidos à pintura de Encarnação Baptista. Para o efeito recorro à obra de outro pintor, que se dedicou ao mesmo ambiente insular, mas vivendo-o e reproduzindo-o em moldes opostos. Max Römer (1878-1960) fixa a paisagem. A ilha, os seus recantos e os pormenores humanos são de tradução direta. A sua cultura é a natureza. Na artista é o contrário. Pelo idioma litúrgico ela estabelece outra visão do mundo. Não tem que ser o insular – mas o dela. Por isso respondia a uma pergunta de Lagoa Henriques que passava a noite esperando pela manhã para começar a pintar ... tirava tudo da cabeça! E não da paisagem. A sua obra não é popular, nem erudita.

Ernesto de Martino (1908-1965), o historiador das religiões italiano que a dada altura sente a necessidade de fazer trabalho de campo multidisciplinar para investigar cultos religiosos populares na Apúlia (*La terra del rimorso*, 1961). Explica a prática curativa exercida pelos habitantes de Salento pela capacidade dos mesmos em agir eficazmente orientados por uma visão do mundo assente na autonomia simbólica adquirida. A deles.

Em Encarnação Baptista não se trata de explicar uma qualquer ação curativa aplicada a uma disfunção psicológica social, ou sequer incidências de religiosidade. Estamos perante a construção individual de uma visão diferente do mundo.

E nova operação de inversão pode ser levada a cabo convocando outra artista, Lourdes Castro (1930-). Tendo desde há muito a sua arte reconhecida e consagrada, resolve organizar e apresentar o registo fotográfico do seu quadro de socialização familiar (*A Praia Formosa, fotografias do meu avô Jacinto A. Moniz de Bettencourt, ilha da Madeira*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2008, ISBN 978-972-37-1390-9). São inúmeras as imagens a preto e branco que documentam a infância remota. Ao tempo, a fotografia era um dispositivo de separação social.

É isto que vi naquele retrato do casal, quando jovem.

Julho 2013. Jorge Freitas Branco